

FIDES REFORMATA 4/2 (1999)

Larry Crabb, *Como Compreender as Pessoas: Fundamentos bíblicos e psicológicos para desenvolver relacionamentos saudáveis* (São Paulo: Editora Vida, 1998), traduzido do original inglês *Understanding People: Deep Longings for Relationship* (1987), 252 pp.

Esse é mais um livro de aconselhamento cristão que chega ao mercado brasileiro. Mas é um livro diferente, com uma proposta inovadora de aconselhamento, sem contudo desviar-se dos padrões bíblicos e da teologia evangélica conservadora, com a qual Crabb está comprometido. Para os conselheiros evangélicos que desejavam uma nova perspectiva sobre o assunto, que fosse bíblica como a de Jay Adams, mas que avançasse um pouco além no entendimento da raiz dos problemas e conflitos pessoais, o livro chega como um refrigerio.

O ponto central da abordagem proposta por Crabb é que a raiz dos problemas e conflitos pessoais que os indivíduos experimentam — como depressão, distúrbios alimentares, etc. — é a falta de dependência de Deus. Portanto, o objetivo da auto-análise é aprender a dependência. A tarefa do aconselhamento bíblico é descobrir as idolatrias pessoais pelas quais as pessoas deixam de confiar em Deus e restabelecer a dependência de Deus.

Apesar de que somente uns poucos conselheiros bíblicos discordariam desta conceituação, a definição de Crabb quanto as coisas em que temos de depender de Deus e daquelas que sutilmente nos desviam desta dependência tem levantado algumas controvérsias. Ele afirma que as pessoas devem depender de Deus para satisfazer as suas necessidades legítimas de *relacionamento* ("eu sou amado") e *impacto* ("eu faço diferença nesse mundo"). Isto fez com que alguns acusassem Crabb de ter introduzido na idéia tradicional da dependência de Deus conceitos humanistas com um foco antropocêntrico, isto é, voltado para o homem em si e não para Deus. Entretanto, Crabb desenvolve o conceito de anseios humanos, não como uma injeção esperta de humanismo disfarçada em ajuda aos necessitados, mas como uma motivação poderosa para que se tenha a sensação amarga da própria inadequação humana. O homem, segundo Crabb, avaliou erroneamente sua dependência e assim desviou-se radicalmente da dependência de Deus. Crabb entende que sua missão — e portanto, aquela do aconselhamento bíblico — é despertar as pessoas para as sutilezas através das quais elas incorrem neste desvio da dependência de Deus. Ele afirma que somente Deus pode prover uma sensação permanente de relacionamento ou impacto. Quando uma pessoa depende de alguém ou de alguma coisa que não seja Deus em busca de um senso de amor e propósito, começa a cultivar uma relação idolátrica.

Crabb almeja que o aconselhamento bíblico seja voltado para libertar as pessoas da idolatria pessoal que as rouba da saúde espiritual e emocional. Ele deseja que os crentes olhem para dentro de si mesmos, não para cultivar amor próprio, mas para expor o pecado. O homem é feito à imagem de Deus. Essa *imago Dei* é a fonte de seus anseios e é nisso que o homem reflete sua origem divina. Deus tanto almeja relações quanto tem um propósito. *Relacionamento* (baseado nas implicações derivadas da Trindade) e *propósito* (raciocinado a partir da natureza teológica do programa de Deus) são aspectos essenciais do ser de Deus.

As pessoas precisam enfrentar as dificuldades que estão implícitas no ser como Deus é — ansiar por amor e impacto — num mundo caído e que se opõe a tudo que "cheire" a Deus na esfera da criatura. Em outras palavras, segundo Crabb, as pessoas enfrentam a tensão que existe entre a forma como foram criadas (para dependerem de Deus e assim, de forma amorosa, representá-lo a outros) e a realidade de um mundo caído onde vivem (o qual sempre traz dor e desprezo aos que procuram manifestar a vida de Deus expondo-se através do amor aos outros). As pessoas

procuram resolver esta tensão por seus próprios meios em vez de depender de Deus como deveriam. A solução para essa tensão é o tema central dessa obra de Crabb.

Não podemos deixar de notar que Crabb poderia ter definições mais claras em algumas ocasiões. Por exemplo, ao colocar algumas diretrizes básicas no aconselhamento bíblico (p. 14) ele defende que o conselheiro deve esforçar-se por conscientemente caminhar na corda bamba da convicção aberta, com isso sugerindo a incerteza como algo desejável. Ele poderia ter deixado mais claro que essa diretriz não está defendendo a falta de convicções bíblicas no trabalho do conselheiro.

Um dos muitos aspectos positivos do livro é que Crabb procura resgatar dentro do campo do aconselhamento bíblico moderno um conceito de pecado compatível com aquele defendido por Agostinho, Calvino, Lutero, Edwards, para não mencionar as Escrituras. Essa tentativa é muito bem vinda, como um antídoto eficaz contra a influência da psicologia humanista dentro da área de aconselhamento bíblico nos meios evangélicos.

O livro é uma abordagem bíblica saudável dentro da área de psicologia e aconselhamento, quanto à questão da origem dos traumas, conflitos e problemas do homem. Crabb é bíblico e bem reformado em sua abordagem, corretamente identificando no âmbito espiritual a raiz de problemas que acabam aflorando na área emocional do homem. Numa época em que mais e mais a psicologia humanista invade os arraiais do aconselhamento pastoral, o livro de Crabb chega como uma ferramenta poderosa que pode ser utilizada com proveito por aqueles que estão envolvidos na área de aconselhamento bíblico.

Augustus Nicodemus Lopes